

# A saga do populismo: momentos da história de um conceito

*Javier Amadeo<sup>1</sup>*

*Guilherme Tadeu de Paula<sup>2</sup>*

**Resumo:** Esse artigo tem como objetivo discutir o populismo em uma dimensão histórica e conceitual. Para tanto, a proposta é dividida em duas partes. Primeiro, percorremos a história do conceito, começando no século XIX quando o populismo definia os movimentos na Rússia e nos Estados Unidos; depois, atravessamos o século XX, com especial atenção para a América Latina, terminando no século XXI, quando o tema se torna um assunto fundamental nos estudos da Teoria Política de uma perspectiva global. Na segunda parte do artigo, apresentaremos as três mais importantes linhas teóricas dedicadas a estudar o populismo: aquela que pensa o populismo como uma estratégia de poder pessoal, a abordagem ideacional e a que trata o populismo como uma lógica discursiva.

**Palavras-chave:** Populismo; Democracia; Ideologia; História conceitual; Teoria política.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Ciência Política pela Universidad de Buenos Aires (UBA), doutor em Ciência Política com pós-doutorado em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento e do Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: javier.amadeo@unifesp.br.

<sup>2</sup> Formado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e em História pela Unicesumar, mestre em Ciências Sociais pela Unifesp e doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), pós-doutorando no Programa do Pós-graduação de Ciências Sociais da Unifesp. E-mail: guilhermetadeudepaula@gmail.com.

## THE SAGA OF POPULISM: MOMENTS IN THE HISTORY OF A CONCEPT

**Abstract:** This paper deals with populism through a historical and conceptual interpretation. Firstly, we discuss the history of the concept, from its beginnings in the 19th Century, when populism was a defining word for social movements in Russia and the United States; then, we focus on 20th Century Latin American populist experiences; ultimately, we approach the rise of populism as a relevant subject in 21st Century Political Theory through a comprehensive and global perspective. Moving on to the conceptual dimension, we present the three most important theoretical approaches on populism studies: populism as a strategy of personal power, populism in an ideational approach and populism as a discursive logic.

**Keywords:** Populism; Democracy; Ideology; Conceptual history; Political theory.

## Introdução

Desde o começo dos anos 2000 assistimos ao surgimento de um número crescente de livros e artigos acadêmicos sobre o fenômeno populista. Para Rovira Kaltwasser et al. essa produção intelectual seria resultado dos eventos políticos contemporâneos que têm colocado as experiências populistas no centro da discussão política e teórica. Para os autores, o surgimento de novos fenômenos políticos que têm sido caracterizados como populistas teria levado à realização de pesquisas e debates que vão desde análise de casos nacionais até estudos de especialistas em política comparada, passando por investigações de teóricos políticos e de historiadores das ideias. Os desenvolvimentos desses trabalhos teriam permitido avançar em novas ideias sobre o populismo e consolidar uma literatura especializada sobre o tema.<sup>3</sup>

No entanto, ainda existem divergências e desacordos importantes sobre o real significado do populismo. Como afirma Cas Mudde, da mesma

---

<sup>3</sup> ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. Populism: An Overview of the Concept and the State of the Art. In: ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 1.

forma que outros conceitos das Ciências Sociais, o populismo é sem dúvida um “conceito essencialmente contestado”, já que alguns especialistas questionam inclusive sua utilidade do ponto de vista analítico. Ao longo do tempo, e a partir de diferentes perspectivas teóricas e políticas, o populismo tem sido definido como uma ideologia, um movimento, uma estratégia, um estilo, um fenômeno, um discurso ou até mesmo uma síndrome. A complexidade do debate não é consequência exclusivamente das diferentes abordagens teóricas e metodológicas, que incluem estudos de Ciência Política, Sociologia, Economia e História, entre outras disciplinas, mas também da falta de consensos sobre como entender o populismo e sobre suas implicações com relação à democracia e à própria política.<sup>4</sup>

Este artigo pretende apresentar um percurso do fenômeno populista, sinalizando o processo histórico e intelectual que transformou o conceito em uma definição tão relevante para o debate político contemporâneo. Para além de uma noção reivindicada de maneira recorrente na mídia e nas diversas arenas de debate público do nosso tempo, “populismo” é um conceito político em disputa, dotado da mais absoluta relevância e que traz em si uma trajetória rica, disputada e bastante complexa.

A estratégia de exposição aqui adotada visa discutir o populismo em duas dimensões: primeiramente, na dimensão histórica do conceito e, na sequência, por meio de uma análise das principais abordagens teóricas contemporâneas discutidas pela bibliografia especializada.

Isso significa dizer que começaremos atravessando, a partir de uma ampla revisão bibliográfica, os momentos que constituíram a história do conceito, tendo como ponto de partida meados do século XX, quando o termo “populista” era uma denominação muito específica dedicada a movimentos inseridos em processos políticos localizados no século XIX, até chegar no século XXI, quando o conceito se tornou central da Ciência Política e lugar-comum dos analistas políticos da mídia. Conhecer esse percurso é fundamental para que possamos acessar a dimensão histórica e conceitual que acaba por delimitar e estabelecer as constituições de categorias utilizadas na intervenção pública de ideias.

---

<sup>4</sup> MUDDE, Cas. Populism: An Ideational Approach. In: ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 1.

Na segunda parte, exploraremos as continuidades e rupturas de interpretação daquelas que são consideradas as principais abordagens teóricas contemporâneas a respeito do populismo. Com esse objetivo vamos analisar, em primeiro lugar, a abordagem que examina o populismo como uma estratégia de poder pessoal; em segundo, a proposta teórica que considera o populismo uma “ideologia delgada”; e, por último, a leitura do populismo como um discurso ou uma lógica discursiva.

## As origens da discussão conceitual sobre o populismo

Durante a década de 1950, afirma Houwen, existia uma literatura acadêmica sobre a questão do populismo que era fundamentalmente desenvolvida por historiadores e utilizava o conceito de populismo de forma restrita para analisar casos particulares. Um primeiro caso para o qual se utilizou o conceito de populismo foi o do Partido do Povo norte-americano, fundado em 1892. O Partido do Povo surgiu no período posterior à guerra civil norte-americana como um movimento dos pequenos agricultores empobrecidos que lutava contra o bipartidismo estabelecido entre republicanos e democratas. Os membros do partido utilizavam o termo populista (“*populist*”) para descrever sua posição política.<sup>5</sup> Trabalhos precursores sobre o tema, como o de Richard Hofstadter<sup>6</sup>, *The Age of Reform: From Bryan to FDR*, ressaltam os elementos reacionários e regressivos desse movimento político.<sup>7</sup> Ao mesmo tempo, obras posteriores como

<sup>5</sup> HOUWEN, Tim. *Reclaiming Power for the People: Populism in Democracy*. Nijmegen: Radboud University, 2013. pp. 37-8.

<sup>6</sup> Cabe destacar que Hofstadter também foi um dos autores que participaram do livro organizado por Ghita Ionescu e Ernest Gellner que veremos a seguir.

<sup>7</sup> “By ‘Populism’ I do not mean only the People’s (or Populist) Party of the 1890’s; for I consider the Populist Party to be merely a heightened expression, at a particular moment of time, of a kind of popular impulse that is endemic in American political culture”. HOFSTADTER, Richard. *The Age of Reform: From Bryan to FDR*. New York: Vintage, 1955. p. 10.

a de Lawrence Goodwyn, *Democratic Promise: The Populist Moment in America*, enfatizaram seu caráter progressista e cooperativo.<sup>8</sup>

Um segundo caso para o qual o termo populista era utilizado era o do movimento russo Narodnik. Este era um movimento de estudantes revolucionários que nos anos 1860 e 1870 tentaram influenciar os camponeses para derrubar o regime czarista seguindo uma estratégia de convivência e aprendizado com os camponeses.<sup>9</sup> Como afirmava Franco Venturi, na sua obra *Roots of Revolution: A History of the Populist and Socialist Movements in Nineteenth Century Russia*: “Populismo era a tradução da palavra russa *nardonichestvo*. Era derivada de *narod* (povo), utilizada pela primeira vez em 1890. Mais ou menos no mesmo momento a palavra *narodnik* (populista) começou a ser utilizada”<sup>10</sup>.

No entanto, a operação na transmutação do populismo para se tornar um conceito político carregado de significados e debates teóricos ainda demoraria. Para entender esse movimento, é importante trazer à tona outro processo histórico fundamentalmente relevante para que a ideia de “populismo” escapasse de definições mais específicas e caminhasse para se tornar uma noção mais abrangente com outra gama de implicações, o chamado “populismo na América Latina”.

Na América Latina, a discussão que dá forma a uma conceituação mais bem delimitada da ideia de “populismo” remonta ao início dos anos 1960. O debate então colocado era o da modernização em países subdesenvolvidos, certamente um tema clássico das Ciências Sociais do continente. A experiência política da primeira metade do século na região, marcada por instabilidade e frágil institucionalidade, além da preeminência de lideranças carismáticas e níveis devastadores de desigualdade

---

<sup>8</sup> “Self-evidently, the People’s Party was a political institution. But it was also ‘Populism’ – a word that connotes something more than a party, something more nearly resembling a mood or, more grandly, perhaps, an ethos”. GOODWYN, Lawrence. *Democratic Promise: The Populist Moment in America*. New York: Oxford University Press, 1976. p. 10.

<sup>9</sup> ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. Populism: An Overview of the Concept and the State of the Art. In: ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 3.

<sup>10</sup> VENTURI, Franco. *Roots of Revolution: A History of the Populist and Socialist Movements in Nineteenth Century Russia*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1960. pp. xxxii-iii.

social, sinalizava que, embora guardadas as especificidades, existiam semelhanças que precisavam ser compreendidas como parte de um mesmo processo.

Gino Germani, até onde a presente pesquisa conseguiu rastrear, foi o primeiro autor a propor uma caracterização com bases similares ao que se utilizaria, a partir de então, nos debates a respeito do conceito de populismo. Ainda que sem utilizar o populismo como conceito, o sociólogo argentino de origem italiana se propôs ainda em 1962 a examinar as relações entre as classes mais pobres e a experiência da democracia representativa na América Latina e apresentou uma interpretação bastante original e que de certa maneira ainda repercute, muitas vezes de maneira silenciosa, nas definições sobre populismo no debate contemporâneo.<sup>11</sup>

Segundo Germani<sup>12</sup>, a peculiaridade da experiência social da América Latina, se comparada com o debate político na Europa, é que na região era possível que grupos sociais, políticos e ideológicos dos mais variados buscassem – e muitas vezes conseguissem – o apoio de uma ampla base social como método de atingir seus fins políticos. Esses grupos poderiam ir desde a extrema direita (se referindo especialmente aos nazistas e fascistas do período) até comunistas (podendo ser das mais variadas dissidências, dos trotskistas aos stalinistas). A variedade daqueles que tentavam guiar o movimento também se refletia em sua origem social, uma vez que estes poderiam ser intelectuais, operários já inseridos nos processos industriais, ou até representantes da pequena burguesia, membros importantes nas forças militares e mesmo líderes de oligarquias latifundiárias. Fruto desse processo, o autor afirmava que as “ideologias da industrialização” – o caminho para a modernidade dos países subdesenvolvidos – traziam consigo características que podiam combinar conteúdos ideológicos de distintas ou até mesmo opostas tradições: “autoritarismo de esquerda, nacionalismo de esquerda, socialismo de direita, e uma multiplicidade de formas híbridas ou até paradoxais desde a perspectiva da dicotomia direita-esquerda”<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> GERMANI, Gino. Clases populares y democracia representativa en América Latina, *Desarrollo Económico* v. 2, n. 2, jul.-sep., 1962.

<sup>12</sup> *Ibidem*, pp. 36-38.

<sup>13</sup> *Ibidem*, pp. 36-37.

A essa forma específica e nova de relação política entre liderança e mobilização de uma ampla base social, Germani chamou movimentos “nacional-populares”, um modelo de mobilização típico de países de industrialização tardia e que apareceu ou estava por aparecer pontualmente em todos os países da América Latina “pois em todos eles o grau de mobilização das camadas populares das áreas marginais dentro de cada país supera ou ameaça superar os canais de expressão que a estrutura social é capaz de oferecer”<sup>14</sup>.

Três anos depois, Torcuato Di Tella, outro intelectual ítalo-argentino, avança na discussão, propondo, em seus próprios termos, “na falta de um termo mais adequado”, o conceito múltiplo de populismo. Segundo o autor, a palavra populismo chegava ao debate com um intuito de deslegitimar, cunhado tanto pela direita quanto pela esquerda, para acusar seus adversários políticos: “[populismo é] um termo pejorativo, que implica a conotação de algo desagradável, algo desordenado e brutal [...]. Tem uma conotação de improvisação, irresponsabilidade, e por sua natureza se supõe que não pode durar muito”<sup>15</sup>. Tentando escapar desse caminho, Di Tella prefere pensar populismo como “um movimento político com forte apoio popular com a participação de setores de classes não operárias com importante influência no partido e sustentador de uma ideologia *antistatus quo*”<sup>16</sup>. Para o autor, o populismo deve ser pensado com a ideia de que, ainda que o populismo se sustente no apoio de massa, seu poder não se extrai de instâncias estruturais de seus grupos. Di Tella concebia o populismo como um fenômeno “típico dos países em processo de desenvolvimento, de onde constitui a força principal em favor da mudança social”<sup>17</sup>.

Ainda que proponha a ideia de populismo como um conceito próprio às experiências de capitalismo em desenvolvimento, e a subscreva como uma prática em favor de mudanças sociais, a proposta de Di Tella

<sup>14</sup> GERMANI, Gino. Clases populares y democracia representativa en América Latina, *Desarrollo Económico* v. 2, n. 2, jul.-sep., 1962, p. 36.

<sup>15</sup> DI TELLA, Torcuato S. Populismo y reforma en América Latina, *Desarrollo Económico*, v. 4, n. 16, 1965, p. 2.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 9.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 37.

estabelece uma linha de continuidade que supera as referências aos debates próprios do século XIX. Mais do que uma experiência política de populistas autodenominados, Di Tella propunha pensar populismo como um movimento político abrangente que tinha variedades. No artigo em questão ele inclusive propõe tipologias, sempre relacionando a ideia do populismo com a dinâmica de classe e o movimento de transformação social que ele tenta organizar.

Em maio de 1967, foi realizada na London School of Economics um evento acadêmico de enorme importância para o debate teórico sobre o fenômeno populista. A conferência, com o título “*To define populism*”, reuniu contribuições de diversas regiões geográficas e várias perspectivas analíticas.<sup>18</sup> Dois anos depois, em 1969, as principais contribuições foram organizadas e publicadas por Ghita Ionescu e Ernest Gellner no livro *Populism: Its Meanings and National Characteristics*. Na introdução do livro, afirmavam os autores: “Um espectro está assombrando o mundo – o populismo”<sup>19</sup>; uma afirmação que parece compatível com o momento presente. Na avaliação de Rovira Kaltwasser et al., a conferência e a publicação do livro de Ionescu e Gellner podem ser considerados “a primeira

<sup>18</sup> A conferência foi organizada pela revista *Government and Opposition*, que publicou em abril de 1968 uma síntese das discussões. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/government-and-opposition/article/to-define-populism/1564EACAF75FDA1A2C370866D6F497E0>>. Entre os participantes do evento estavam: J. Allcock (Bradford), I. Berlin (Oxford), C. Brandt (Oxford), P. Calvert (Southampton), N. Clive (Foreign Office), M. Cranston (LSE), F. W. Deakin (Oxford), R. P. Dore (LSE), G. Engholm (Sussex), E. Gallo (Oxford), E. Gellner (LSE), J. Gould (Nottingham), G. Hall (Foreign Office), C. A. M. Hennessy (Warwick), R. Hofstadter (Columbia), G. Ionescu (LSE), J. Joll (Oxford), E. de Kadt (LSE), E. de Kadt (LSE), W. Klatt, J. Keep (School of Slavonic and East European Studies), F. Lambert (Institute of Latin American Studies), E. Lampert (Keele), L. J. Macfarlane (Oxford), D. MacRae (LSE), I. de Madariaga (Sussex), G. F. Mancini (Bologna), K. Minogue (LSE), W. H. Morris-Jones (Institute of Commonwealth Studies), J. Saul (Dar-es-Salaam), L. Schapiro (LSE), H. Seton-Watson (School of Slavonic and East European Studies), T. Shanin (Sheffield), G. Shillinglaw (School of Oriental and African Studies), A. Touraine (Paris), F. Venturi (Turin), A. Walicki (Warsaw), D. Waller (School of Oriental and African Studies), P. Wiles (LSE), P. Worsley (Manchester). IONESCU, Ghita e GELLNER, Ernst (eds.). *Populism: Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969. p. 2.

<sup>19</sup> IONESCU, Ghita e GELLNER, Ernst (eds.). *Populism: Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969. p. 1.



tentativa acadêmica em que os estudiosos buscaram avançar em uma análise verdadeiramente inter-regional do populismo”<sup>20</sup>.

O objetivo de reunir tantos especialistas no tema do populismo era, para Ionescu e Gellner, tentar, como surgia do título da conferência, “definir” em si mesmo seu significado.<sup>21</sup> Para os autores, existiriam algumas questões fundamentais a serem analisadas para saber se o populismo seria um conceito unitário, independentemente da diversidade das suas manifestações, ou um termo mal-empregado para analisar contextos heterogêneos. A primeira questão era saber se o populismo devia ser entendido como uma ideologia, como um movimento político ou em ambos os sentidos. Uma segunda questão era se o populismo podia ser interpretado como uma espécie de mentalidade que surgia em determinados momentos históricos em situações sociais nas quais os setores médios estavam enfraquecidos. Uma terceira possibilidade era analisar o populismo em termos de psicologia política. Nessa variável, existiria um elemento de perseguição política em relação a supostas conspirações organizadas contra o povo, como por exemplo: capitalistas internacionais, pessoas estrangeiras, banqueiros, pessoas da cidade etc. Nesse sentido o populismo podia ser pensado como anticapitalista, xenófobo ou antiurbano. Outro elemento do populismo era a ênfase positiva no povo, que podia ser considerado de diversas formas, como massa de camponeses ou como os mais miseráveis. Por último, os autores destacavam a paulatina desapareção dessa mentalidade pela absorção de ideologias que seriam mais fortes, como o socialismo, o nacionalismo ou alguma ideologia pró-camponesa.<sup>22</sup>

A análise dos significados do conceito populismo se constrói, na discussão do livro, a partir de diferentes exemplos históricos: o populismo russo do século XIX (referência ao movimento *narodnik*); o populismo norte-americano do século XIX; os populismos camponeses de Europa do Leste

<sup>20</sup> ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal *et al.* Populism: An Overview of the Concept and the State of the Art. In: ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal *et al.* *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 7.

<sup>21</sup> IONESCU, Ghita e GELLNER, Ernst (eds.). *Populism: Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969, pp. 2-3.

<sup>22</sup> *Ibidem*, pp. 3-4.

dos séculos XIX e XX; o populismo latino-americano e o populismo africano do século XX. Por outro lado, o livro aborda o populismo a partir dos seus significados conceituais: populismo como ideologia, populismo como movimento político, os aspectos sociais e econômicos dos populismos e uma visão geral do conceito<sup>23</sup>. Outro elemento importante desse texto, como destaca Houwen, é a relação explícita que será estabelecida pela primeira vez no artigo do cientista político John Saul, entre o “Partido Popular” norte-americano e o movimento russo *narodnik*.<sup>24</sup>

Pouco mais de dez anos depois da publicação da obra de Ionescu e Gellner, no começo da década de 1980, a teórica britânica Margaret Canovan vai retomar o tema com a publicação do livro *Populism*, que se transformará em uma das referências mais importantes na discussão sobre a questão. No começo do livro Canovan também se refere à utilização do conceito: “Embora frequentemente usado por historiadores, cientistas sociais e comentaristas políticos, o termo é excepcionalmente vago e se refere a contextos diversos e a uma variedade desconcertante de fenômenos”<sup>25</sup>.

Canovan afirmava que o livro buscou analisar a gama de fenômenos políticos que podiam ser colocados sob o título de populismo, tentando estabelecer, de maneira clara, os tipos a partir dos quais esses fenômenos podiam ser analisados. Dessa forma, a autora apresentava uma tipologia com sete componentes de populismos, “incluindo três tipos de populismo agrário – agricultores, camponeses e intelectuais – e quatro formas de populismo político – ditadura populista, democracia populista, populismo reacionário e populismo dos políticos”<sup>26</sup>.

Destacava a autora que depois da análise do fenômeno populista era possível chegar a duas conclusões. Em primeiro lugar, que existiriam muitas interconexões entre as sete categorias teóricas propostas no livro.

<sup>23</sup> IONESCU, Ghita e GELLNER, Ernst (eds.), *Populism: Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969.

<sup>24</sup> HOUWEN, Tim. *Reclaiming Power for the People: Populism in Democracy*. Nijmegen: Radboud University, 2013, p. 43.

<sup>25</sup> CANOVAN, Margaret. *Populism*. Londres e Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1981, p. 3.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 289.

Para Canovan, muitos dos fenômenos populistas reais, senão a maioria, pertenceriam a mais de uma categoria analítica. Em segundo lugar, ressaltava os limites da proposta, colocando que nenhum movimento teria sido populista em todos sentidos e que, de fato, “dadas as contradições entre algumas de nossas categorias – nenhum [movimento populista] jamais poderia satisfazer todas as condições ao mesmo tempo”. Dessa forma os elementos populistas tenderiam a se agrupar em torno de determinadas características, no entanto, sem conseguir esgotar o fenômeno.<sup>27</sup>

É interessante destacar que nesse ponto Canovan vai retomar a ideia de Peter Wiles do populismo como “uma síndrome e não como uma doutrina”, título do capítulo publicado no livro de Ionescu e Gellner<sup>28</sup>. Canovan recuperava essa ideia e afirmava que a “abordagem de Wiles representou um avanço teórico isolando elementos populistas que, formando uma síndrome em vez de uma unidade, poderiam ser combinados de várias maneiras”. Para Canovan, seria necessário avançar ainda mais na proposta teórica de Wiles e os fenômenos populistas seriam muito diversos para ser apreendidos por uma única categoria, ainda tão ampla e permissiva quanto a de síndrome, “no entanto, estes [fenômenos] tendem a se agrupar em um número bastante pequeno de *diferentes* síndromes populistas”<sup>29</sup>. Na visão de Mudde, de forma paradoxal, depois da sua análise dos diferentes tipos de populismo Canovan vai concluir “que, embora diferentes tipos de populismo pudessem ser distinguidos, o populismo *per se* não poderia”<sup>30</sup>.

No começo dos anos 1990, o conceito de populismo vai ser aplicado aos movimentos políticos de direita na Europa Ocidental. Os primeiros trabalhos se concentraram em um número limitado de experiências, em particular a da *Frente Nacional* da França. No entanto, com o passar do

<sup>27</sup> CANOVAN, Margaret. *Populism*. Londres e Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1981, pp. 289-290.

<sup>28</sup> WILES, Peter. A Syndrome, Not a Doctrine. In: IONESCU, Ghita e GELLNER, Ernst (eds.). *Populism: Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969.

<sup>29</sup> CANOVAN, *Op. Cit.*, p. 291.

<sup>30</sup> MUDDE, Cas. Populism: An Ideational Approach. In: Rovira Kaltwasser, Cristóbal *et al.* *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 10.

tempo, a maioria dos países desse continente conheceu algum tipo do que a literatura classificou como partidos populistas de direita. Os exemplos incluíam, além do já mencionado *Frente Nacional* (França), a *Liga Norte* (Itália), o *Partido da Liberdade* (Áustria), o *Bloco Flamengo-VR* (Bélgica), o *Partido do Progresso* (Noruega), o *Partido Popular* (Dinamarca), e o *Partido da Liberdade e da Vida* (Hungria).<sup>31</sup>

Em 1992, Piero Ignazi publica um artigo no qual discute a emergência dos partidos de extrema direita. Para o autor italiano, no final dos anos 1980 assistimos ao declínio do sistema de partidos na Europa e ao surgimento de novas demandas de lei e ordem que serão questões centrais para os novos partidos de direita. Ignazi vai identificar essa mudança de valores estimulada por uma reação ao pós-materialismo, e uma combinação de novas exigências por autoridade, como “uma contrarrevolução silenciosa”. No entanto, Ignazi não chega a caracterizar esses partidos de extrema direita como populistas em função do que ele chamou de escassa clareza do termo fora do contexto específico no qual tinha sido utilizado, Estados Unidos e Rússia no século XIX e América Latina no século XX.<sup>32</sup>

Hans-George Betz, em um artigo publicado em 1993, vai passar a estudar essa onda de novos partidos de direita que surgiram na Europa Ocidental, como “partidos populistas radicais de direita”, e descrever o momento como uma “nova política do ressentimento”. Para o autor, houve uma transformação do clima político nos anos 1980: desencanto com as instituições, decomposição dos alinhamentos eleitorais clássicos, aumento da fragmentação política e alta volatilidade eleitoral. Como consequência dessa mudança de clima, os sistemas políticos da Europa Ocidental foram impugnados por uma direita populista radical. Para o autor, “Partidos populistas de direita radical são radicais na sua rejeição da estabilidade do sistema sociocultural e sociopolítico [...] [e] são populistas em sua

<sup>31</sup> ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. Populism: An Overview of the Concept and the State of the Art. In: ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 8; HOUWEN, Tim. *Reclaiming Power for the People: Populism in Democracy*. Nijmegen: Radboud University, 2013, p. 55.

<sup>32</sup> IGNAZI, Piero. The Silent Counter-Revolution: Hypotheses on the Emergence of Extreme Right-Wing Parties in Europe, *European Journal of Political Research* 22/1, July 1992, pp. 25-7.

instrumentalização dos sentimentos de ansiedade e desencanto e seu apelo ao homem comum e à alegada superioridade do seu senso comum".<sup>33</sup>

Taggart, por sua vez, vai concordar com essa caracterização de partidos populistas de direita e avaliar que o surgimento desse "novo populismo" indicaria importantes mudanças na política da Europa Ocidental; mais especificamente, o novo populismo teria surgido como consequência do "colapso dos consensos de pós-guerra na Europa Ocidental". Esses consensos se referiam a acordos sobre a importância da democracia social, o Estado de bem-estar social e o keynesianismo. A crise desses consensos teria sido um dos elementos-chaves no surgimento do novo populismo de direita.<sup>34</sup>

Como coloca Cas Mudde, a literatura dos anos 1990 sobre os partidos de direita na Europa se concentrou no início em trabalhos que focavam exclusivamente algum país da Europa Ocidental e poucas pesquisas tinham incluído a países do Leste da Europa na sua análise. No começo dos anos 2000, esse olhar se amplia, incorporando outros países e construindo uma perspectiva de análise comparativa pan-europeia, como o próprio livro de Mudde irá propor.<sup>35</sup> Várias pesquisas do período vão analisar os movimentos políticos de direita na Europa como fenômenos populistas, definindo-os de diversas formas: populismos de direita, populismos radicais de extrema direita, populismos nacionais, neopopulismos, populismos exclusionistas ou populismos xenófobos. Para Mudde, "o caos na terminologia não era resultado de diferenças fundamentais de opinião sobre uma definição correta, em vez disso, era em grande parte resultado de uma falta de definição clara". No período seguinte houve um foco maior na questão da terminologia. No entanto, como afirma o autor, o desenvolvimento positivo da discussão teórica e conceitual não permitiu

---

<sup>33</sup> BETZ, Hans-George. The New Politics of Resentment: Radical Right-Wing Populist Parties in Western Europe, *Comparative Politics*, v. 25, n. 3, 1993, p. 413.

<sup>34</sup> TAGGART, Paul. New populist parties in Western Europe, *West European Politics*, v. 18, n. 1, 1995. p. 38.

<sup>35</sup> MUDDE, Cas. *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 3.

chegar a um consenso definitivo sobre a definição do fenômeno populista.<sup>36</sup> Os próprios trabalhos de Cas Mudde serão centrais nesse processo de discussão conceitual, como veremos a seguir.<sup>37</sup>

Também nos anos 1990 algumas experiências na América Latina foram analisadas sob a ideia de uma “nova onda populista”, em referência à chegada ao poder dos presidentes Alberto Fujimori no Peru, Fernando Collor de Mello no Brasil e Carlos Menem na Argentina. Estes foram caracterizados como lideranças populistas, no entanto em claro contraste com as experiências de “populismo clássico” da América Latina que implicaram experiências importantes em termos de avanços sociais. Trabalhos como os de Kurt Weyland<sup>38</sup> e Kenneth Roberts<sup>39</sup> sobre esses processos enfatizavam a relação entre o neopopulismo e o neoliberalismo. Weyland vai destacar as afinidades existentes entre o neoliberalismo e “a nova versão do populismo emergente”. Para o autor, tanto o neoliberalismo como o neopopulismo buscavam seu apoio nos setores sociais mais desorganizados, marginalizando as organizações autônomas de trabalhadores e atacando a classe política tradicional. Ambos também apelariam a uma estratégia centrada no Estado para exercer o poder político. Por outra parte, continua o autor, as receitas neoliberais para combater a crise econômica da América Latina garantiriam certos benefícios para os setores mais pobres que seriam a base política dos líderes neopopulistas.<sup>40</sup> Roberts, por sua parte, vai destacar “o surgimento de novas formas de

<sup>36</sup> MUDDE, Cas. *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 12.

<sup>37</sup> Ver MUDDE, Cas. *Populism: An Ideational Approach*. In: ROVIRA KALTWASEER, Cristóbal et al. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017; e MUDDE, Cas. *The Populist Zeitgeist*. *Government and Opposition*, v. 39, n. 4, 2004.

<sup>38</sup> Ver WEYLAND, Kurt. Clarifying a contested concept: populism in the study of Latin American politics, *Comparative Politics*, v. 34, n. 1, 2001; e WEYLAND, Kurt. Neopopulism and neoliberalism in Latin America: unexpected affinities, *Studies in Comparative International Development*, v. 31, n. 3, 1996.

<sup>39</sup> ROBERTS, Kenneth. Neoliberalism and the transformation of populism in Latin America: the Peruvian case. *World Politics*, v. 48, n. 1, 1995.

<sup>40</sup> WEYLAND, *Op. cit.*, p. 3. Trabalhos posteriores de Weyland vão passar a definir o populismo como uma estratégia de poder, como veremos a seguir.

populismo compatíveis com e complementares às reformas neoliberais em certos contextos". Para o autor, o surgimento de um novo populismo, numa vertente mais liberal ou neoliberal, seria resultado de períodos de crise social e econômica que teriam levado ao esgotamento das formas tradicionais de representação política. Nesse sentido, os líderes populistas, ou neopopulistas, seriam capazes de se adaptar à austeridade fiscal e às reformas de mercado, utilizando diversos instrumentos políticos para mobilizar o apoio dos setores populares.<sup>41</sup>

Nos anos 2000, afirma Rovira Kaltwasser et al, temos outro momento importante na discussão sobre populismo, com a emergência de diversos movimentos e governos na América Latina que também serão analisados como fenômenos populistas ou projetos populistas de esquerda. Particularmente, essa onda se referia ao nascimento de projetos como os encarnados por Hugo Chávez na Venezuela, Rafael Correa no Equador e Evo Morales na Bolívia.<sup>42</sup>

Para Houwen, uma parte importante da literatura que discutiu a emergência desses projetos populistas de esquerda na América Latina nos anos 2000 utilizou o conceito de populismo em um sentido negativo, argumentando sobre o modo altamente personalizado do vínculo entre líder e povo, o que teria como consequência um esvaziamento dos princípios democráticos fundamentais. Outro apontamento era que a invocação de um sujeito popular podia representar um perigo para os direitos das minorias<sup>43</sup>. Um autor como Carlos de la Torre, analisando o caso do Equador, vai ressaltar a necessidade de entender de forma mais adequada essa relação entre populismo e democracia. Para o autor, os projetos de democratização das elites no Equador partiram de certas concepções de racionalidade supostamente universalistas, no entanto o efeito prático foi excluir grandes segmentos da população. Como consequência, a

<sup>41</sup> ROBERTS, Kenneth. Neoliberalism and the transformation of populism in Latin America: the Peruvian case, *World Politics*, v. 48, n. 1, 1995. p. 83.

<sup>42</sup> ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. Populism: An Overview of the Concept and the State of the Art. In: ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 8.

<sup>43</sup> HOUWEN, Tim. *Reclaiming Power for the People: Populism in Democracy*. Nijmegen: Radboud University, 2013. p. 51.

resistência a esses projetos foi articulada pela delegação de poder a líderes autoritários, dessa forma “a política populista apresenta um importante exemplo de como o marginal ‘Outro’ resiste à política ‘democrática’ das elites”<sup>44</sup>.

Outro conjunto de autores, sustenta Houwen, tem defendido o aspecto positivo do papel do populismo e de sua relação com a democracia. Um dos argumentos defendidos por esses autores é que a visão do populismo como um potencial perigo para a democracia implica uma leitura da política e da democracia que tomam a visão liberal como parâmetro para a organização política da sociedade. Laclau é um dos autores que tem questionado essa identificação da democracia com a democracia liberal.<sup>45</sup> Para Laclau a relação entre a tradição democrática e a tradição liberal é contingente, e como consequência seriam possíveis outras articulações contingentes, articulações onde a questão da democracia pudesse ser formulada fora do marco simbólico liberal. Para o autor, o problema da democracia, considerado do ponto de vista da sua universalidade, pode ser retomado desde uma pluralidade de marcos simbólicos, inclusive desde o populismo, para o qual a constituição de uma subjetividade popular é parte integrante da questão democrática.<sup>46</sup>

Panizza também defende uma visão positiva da relação entre populismo e democracia; ele vai argumentar que a política implica a existência de uma ordem institucional, mas também de práticas que envolvem a possibilidade de seu questionamento. Para o autor, o populismo não é necessariamente um inimigo da democracia, os intentos de representar a vontade do povo, nos quais se inscrevem os movimentos populistas, “são uma parte intrínseca das lutas democráticas”<sup>47</sup>.

<sup>44</sup> DE LA TORRE, Carlos. Populism and democracy. Political Discourses and Cultures in Contemporary Ecuador, *Latin American Perspectives*, v. 24, n. 3, 1997. pp. 21-22.

<sup>45</sup> HOUWEN, Tim. *Reclaiming Power for the People: Populism in Democracy*. Nijmegen: Radboud University, 2013, pp. 51-2.

<sup>46</sup> LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005. p. 211.

<sup>47</sup> PANIZZA, Francisco (comp.). *El populismo como espejo de la democracia*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009. pp. 46-48. Sobre a complexa relação entre o populismo e a democracia, ver o excelente artigo de URBINATI. Nadia. Political Theory of Populism, *Annual Review of Political Science*, v. 22, n. 1, 2019.



## As abordagens teóricas contemporâneas sobre o populismo

Após discutir o percurso conceitual experimentado pelo populismo ao longo do século XX, chegamos à segunda parte deste artigo, na qual, ainda que vários autores e ideias já tenham sido mencionados na primeira parte do texto, dedicaremos atenção às abordagens contemporâneas mais importantes, empenhadas no campo teórico e no pensamento intelectual em dar respostas e propor soluções analíticas para a questão do populismo.

Se é verdade que pela ampla gama de produções acadêmicas a este respeito se torna complexo mapear com precisão as principais vertentes que já propuseram soluções para que o populismo fosse pensado em uma dimensão conceitual, existe um certo consenso no que tange às proposições mais influentes para o debate contemporâneo. Rovira Kalwaser et al., por exemplo, destacam três abordagens como as mais relevantes no debate teórico sobre o populismo.<sup>48</sup> Estas seriam: a abordagem ideacional, a abordagem estratégico-política e a abordagem sociocultural, e três capítulos da obra dos autores são dedicados à discussão dessas perspectivas.<sup>49</sup>

Na nossa análise, e seguindo em parte a visão apresentada por Casullo<sup>50</sup>, consideramos outras três perspectivas como referência fundamental dos trabalhos dedicados à questão. Primeiro, vamos expor o viés defendido por Kurt Weyland, que desenvolveu a análise do populismo como uma estratégia de poder pessoal; na sequência, examinaremos a teoria que propõe o populismo como uma “ideologia delgada”, sobretudo na obra de Cas Mudde e Rovira Kaltwasser; por fim, nos debruçaremos sobre

---

<sup>48</sup> ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. Populism: An Overview of the Concept and the State of the Art. In: ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 14.

<sup>49</sup> WELAND, Kurt. Populism: A Political-Strategic Approach; OSTIGUY, Pierre. Populism: A Socio-Cultural Approach; e MUDDE, Cas. Populism: A Ideational Approach. In: ROVIRA KALTWASSER, Op. cit..

<sup>50</sup> CASULLO, María Esperanza. *¿Porque funciona el populismo? El discurso que sabe construir explicaciones convincentes de un mundo en crisis*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2019, pp. 44-46.

os desenvolvimentos analíticos dos intelectuais que tratam o populismo como uma lógica discursiva, dando especial atenção a Ernesto Laclau.

### *O populismo como uma estratégia de poder pessoal*

Uma das abordagens mais referenciadas no debate contemporâneo é a proposta de pensar o populismo como uma estratégia de poder pessoal, elaborada pelo teórico norte-americano Kurt Weyland ao longo de seus estudos das experiências políticas latino-americanas das décadas de 1990 e 2000. Construída com uma tentativa de desenvolvimento teórico mais refinado das abordagens que focam leituras ideológicas e discursivas, a metodologia de Weyland situa o debate em sua dimensão política, ligada à estratégia dos líderes populistas envolvidos nos processos históricos.

Para Weyland, um dos grandes méritos de sua abordagem está em focar a dimensão prática da realização do poder: como conquistá-lo e como exercê-lo. Por isso, pensar a questão da estratégia implicaria superar abordagens que concentram suas análises em estilos ou discursos, e seria capaz de delimitar mais adequadamente o que poderia ou não ser chamado de populismo. É interessante reforçar esse aspecto para acentuar o contexto analítico que permite a emergência de sua elaboração. Weyland desenvolve um conceito próprio de populismo no início do século XXI como uma proposta para separar populismo de outras categorias analíticas comuns examinando temas então caros aos seus problemas de pesquisa, como é possível perceber em sua exposição no artigo de 2001 em que propõe o método.

Como estratégia de argumentação, Weyland diferencia populismo de caudilhismo e oligarquia, palavras recorrentes na discussão política da América Latina. Para tanto, o teórico norte-americano propõe um esquema de análise das diferentes estratégias que os atores políticos usam para chegar ao poder e mantê-lo. Segundo Weyland, existem, de maneira geral, três tipos de atores políticos: os indivíduos, as organizações formais e os agrupamentos informais.<sup>51</sup> Esses atores, quando empenhados em exercer poder, só podem fazê-lo de duas maneiras: mostrando uma grande

<sup>51</sup> WEYLAND, K. Clarifying a contested concept: populism in the study of Latin American politics, *Comparative Politics*, v. 34, n. 1, 2001, p. 8-14.

força numérica com resultados eleitorais, levantamentos em pesquisas e manifestações públicas de massas ou utilizando forças de pressão socioeconômicas ou militares. A questão central de seu método colocaria duas indagações: Quem exerce o poder? E de que maneira o faz? As combinações possíveis dessas duas respostas criariam modelos distintos de estratégias políticas e tipos de governo: “Por exemplo, sob o caudilhismo, indivíduos baseiam seu poder na força militar. Numa oligarquia, o grupo dominante se estabelece com a força econômica e o prestígio social”<sup>52</sup>. Nessa linha, explica que quem exerce o poder no populismo é um indivíduo, não uma organização formal ou um agrupamento informal, uma classe. Mas a base de sua força é distinta: o governo – ou a capacidade de exercer o poder – se sustenta não em pressão socioeconômica ou militar, mas, fundamentalmente, em sua capacidade de mobilização numérica: sua força eleitoral, seus comícios de massa, sua aprovação.

Para Weyland, o populismo é a estratégia pela qual “um líder individual busca ou exerce poder de governo baseado no apoio de um grande número de seguidores”. Do desenvolvimento de sua elaboração conceitual, o autor propõe uma diferenciação entre “aspirante a populista” e “chefe populista”, uma vez que a questão central é o exercício prático do poder. O populismo se apresenta intimamente ligado à capacidade de aquele que usa dessa estratégia conseguir levar adiante seu exercício de poder sustentando-o com “eleições, plebiscitos, demonstrações de massa, e, mais recentemente, pesquisas de opinião”<sup>53</sup>. Acrescenta ainda que se trata de um exercício de poder individual de um líder que se conecta com sua base política de maneira não institucionalizada, quase sempre direta, livre de mediações, fundamentada no carisma e na criação de uma imagem de proximidade na qual ele se apresenta como um homem comum, dedicado a enfrentar as forças inimigas para proteger o “povo” – em geral, uma ideia de povo que remete à sub-representação, aos marginalizados da vida social e política. “O líder apela ao povo por ajuda em seu heroico esforço para regenerar a nação, combater os grupos

---

<sup>52</sup> WEYLAND, K. Clarifying a contested concept: populism in the study of Latin American politics, *Comparative Politics*, v. 34, n. 1, 2001, pp. 12-13.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 12.

privilegiados e seus interesses e transformar as instituições ‘corruptas’ existentes”, escreve ele.<sup>54</sup>

Quando Weyland desenvolveu tal proposta analítica, em 2001, o debate sobre populismo não era central na discussão política. O próprio artigo em questão propunha-se pensar o contexto político da América Latina. A base dos argumentos, os exemplos, todos são referentes a experiências políticas latino-americanas. Segundo ele, sua abordagem, que redefinia o conceito de populismo, era fundamental para ajudar a explicar o processo em voga no continente que vivenciava experiências que frequentemente faziam convergir política populista e economia neoliberal. Para Weyland, a “tática” populista na América Latina foi fundamental para que reformas neoliberais dolorosas pudessem ser levadas adiante, muitas vezes criando ideias de governantes heroicos lutando contra privilégios para promover as transformações necessárias na ordem vigente.<sup>55</sup>

Na medida em que populismo aparece como conceito-chave no debate político contemporâneo, Weyland se torna uma referência, emprestando seu arsenal conceitual para pensar essa “estratégia” em uma dimensão não restrita à América Latina. Em 2017, sua abordagem aparece no *The Oxford Handbook of Populism* como uma das mais influentes para tratar do populismo. Em um dos artigos metodológicos da obra, o autor defendeu em linhas gerais a mesma conceituação proposta no início do século, mas agora pensando em uma dimensão menos contextual e mais abrangente. Para o autor, a definição do populismo como estratégia política individual tem como grande vantagem o fato de lidar menos com o que os populistas dizem e mais com o que eles efetivamente fazem, uma vez que:

Essa noção foca a ação política efetiva e os fundamentos do poder político. Em seu comportamento, líderes políticos são compelidos a fazer escolhas reais; tendo de mostrar sua “verdadeira face” mais claramente do que em pronunciamentos e outras formas de discurso.<sup>56</sup>

<sup>54</sup> WEYLAND, K. Clarifying a contested concept: populism in the study of Latin American politics. *Comparative Politics*, v. 34, n. 1, 2001, p. 14.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 17-19.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 17.

Embora seja de fato um método bastante influente nos estudos políticos contemporâneos, a abordagem de Weyland não está isenta de críticas. Provavelmente a mais relevante seja a de Daniel Rueda, que considera que o método mostrou falhas quando teve de se adaptar para lidar com outros modos de populismo distintos daqueles estudados por Weyland nas décadas de 1990 e 2000 na América Latina<sup>57</sup>. O ponto central da crítica de Rueda, porém, pode se estender inclusive à formulação original, quando se questiona a maneira como o método da “estratégia política” confere intencionalidade e racionalidade às práticas dos líderes populistas, abrindo caminho para uma série de premissas que não se sustentariam. O veredito do pesquisador espanhol é contundente:

Hoje, período em que o populismo pode ser encontrado em qualquer continente e com grande variedade de “formas” ideológicas, e que acadêmicos formularam arcaísmos de análises ideacionais e de discurso com mais poder explanatório, tal abordagem parece obsoleta.<sup>58</sup>

### *O populismo como “ideologia delgada”*

A ideia de examinar o populismo como uma “ideologia delgada” é certamente uma das proposições mais relevantes para pensar o tema na reflexão teórica contemporânea. Elaborada por Cas Mudde, a abordagem “ideacional” figura entre as mais influentes no tempo presente e alçou o cientista político holandês a uma posição de relevo no debate público internacional, com frequentes aparições em periódicos de distintas partes do mundo e uma ampla gama de obras publicadas em variados idiomas. Com uma carreira dedicada ao estudo de conceitos teóricos e das experiências políticas da extrema direita, em geral europeia, Mudde propôs com clareza o seu conceito em 2004 em famoso artigo intitulado “O *Zeitgeist* Populista”. Segundo o próprio autor, em nota no artigo em

---

<sup>57</sup> A crítica foi relevante a ponto de receber uma agressiva resposta do autor, ver WEYLAND, Kurt. Populism as a Political Strategy: An Approach’s Enduring – and Increasing – Advantages. *Political Studies*, v. 69, n. 2, 2021.

<sup>58</sup> RUEDA, D. Is Populism a Political Strategy? A Critique of an Enduring Approach. *Political Studies* 2021, v. 69, n. 2, 2021, p.180.

questão, essa elaboração foi fruto de um contínuo e estimulante debate com Jan Jagers, um teórico especialista na atuação populista dos partidos políticos flamencos.<sup>59</sup>

Para que possamos tratar com rigor analítico a proposição central de Cas Mudde, é fundamental que percorramos os passos experimentados pelo autor em sua elaboração conceitual. Propor pensar o populismo como uma ideologia, ainda que delgada, era uma inovação que precisava ser sustentada com uma argumentação robusta, e, para tanto, o teórico cuidou de diferenciar sua proposição daquelas duas que considerava as interpretações mais comuns para pensar o tema em seu tempo: a que tratava populismo como uma espécie de estilo político que apelava para tons emocionais e simplistas e a que considerava populismo uma ação política que tomava decisões ou empreendia determinações políticas com intenção de agradar de forma rápida os eleitores visando garantir o apoio de uma base social. Para Mudde, essas práticas que vinham sendo chamadas de populismo atendiam por outro nome – a primeira ele chamou de demagogia e a segunda, de oportunismo.<sup>60</sup>

Seguindo em outra direção, Cas Mudde defendeu que o populismo deveria ser pensado como uma ideologia. Para o autor, para ser considerado como tal, o populismo deveria trazer em si uma característica fundamental, que é a potencialidade de se distinguir de outras formas ideológicas. Nesse caso, sua estratégia de exposição foi apontar as diferenças do populismo para o pluralismo e o elitismo, duas outras ideologias com potencialidade de trazerem em si características distinguíveis. Segundo o autor, o pluralismo tem como seu elemento constitutivo a rejeição de qualquer compromisso com a homogeneidade, uma vez que propõe uma ideia de mundo inclusiva das diferenças. Já o elitismo trabalha com um mundo polarizado em que apenas uma elite dominante seria capaz de tomar as decisões adequadas. O populismo não era nem uma coisa nem outra. Embora os populistas, como os elitistas, também dividissem a sociedade ao meio, de maneira maniqueísta, em sua proposição o “povo” era quem era puro e heroico e “a elite” receberia sempre as mais pejorativas noções

<sup>59</sup> MUDDE, Cas. *The Populist Zeitgeist, Government and Opposition*, v. 39, n. 4, 2004, pp. 542-563.

<sup>60</sup> *Ibidem*.

disponíveis, em geral algo entre “corrupta” e “vil”. Em outra direção, se é verdade que tanto pluralistas quanto populistas podem eventualmente defender que o papel da política seja intervir em favor dos mais fracos, há diferenças substantivas entre a ideia de “povo” dos populistas, sempre homogênea, representando a ideia de uma “vontade geral”, e a ideia de quem acredita em uma sociedade plural, equilibrando diferentes interesses por uma convivência harmônica.

No entanto, sua formulação não se encerra assim. É no próximo passo da elaboração conceitual que ele acrescenta aquele que é o elemento fundamental de sua teoria: a ideia de que, embora seja uma ideologia, o populismo não é exatamente uma ideologia como se acostumou a pensar no termo do século XIX em diante. Para Mudde: “[...] embora o populismo seja uma ideologia distinguível, ele não possui ‘o mesmo nível de refinamento intelectual e consistência’ que por exemplo, o socialismo ou o liberalismo”<sup>61</sup>. Dessa forma, ele pensa o populismo como uma “ideologia delgada” (“*thin-centred ideology*”), ou seja, um conjunto de ideias cuja “espessura”, ou *core* conceitual, não é relevante o suficiente para fornecer toda uma gama de derivações e sentidos para aqueles que a reivindicam ou a usufruem. O que ele traz em si como noção central, e por onde circula toda sua operação, é a ideia de “o povo” – que traz consigo uma espécie de derivativo, que seria o seu oposto, “a elite”. Suas determinações não são objetivas, mas moralistas e estáticas e giram ao redor dessa sempre maniqueísta dualidade.<sup>62</sup>

Tradutores e teóricos do populismo de língua portuguesa têm optado por variadas formas de tradução da noção de “*thin-centred ideology*” proposta por Cas Mudde. O autor citou como referência da conceituação desse tipo de ideologia de alcance limitado uma elaboração de Michael Freeden, que havia desenvolvido essa ideia em um estudo sobre o nacionalismo em 1998. As opções de tradução que mais recorrentemente podem ser encontradas são “ideologia fraca” e “ideologia levemente centrada”. São boas soluções analíticas e que, no decorrer das explicações, não ferem o elemento central da argumentação

<sup>61</sup> MUDDE, Cas. *The Populist Zeitgeist, Government and Opposition*, v. 39, n. 4, 2004, pp. 544.

<sup>62</sup> *Ibidem*.

de Mudde. Nossa opção por “ideologia delgada” se deu por acreditarmos que a expressão mantém a conotação construída pelo teórico holandês quando este criou esta noção de consistência ideológica amparada na imagem de espessura. Nesse sentido, outra opção disponível para que não se perdesse essa dimensão fundante da proposta seria “ideologia fina”, mas a língua portuguesa guarda uma ambivalência para esse termo – que também pode significar algo de excelência –, o que poderia atrapalhar na compreensão do contexto. Ainda que Mudde não considere a ideologia delgada uma definição com conotação pejorativa, ele sustenta que essa adjetivação se dá porque se trata de uma ideologia estreita e restrita, sem uma profundidade que a caracterizaria como uma ideologia no sentido puro do termo.

Faz-se necessário que avancemos nesse ponto porque um dos principais méritos da pesquisa de Mudde é ter notado que isso que ele chama de “finura” ideológica do populismo não deve ser pensado como algo que poderia enfraquecer ou diminuir a relevância do populismo na política contemporânea. Na prática, é precisamente essa maleabilidade que permite que o populismo tenha uma tão relevante profusão em diferentes partes do mundo, com diferentes contextos políticos e ideológicos. Segundo o autor, é justamente por ser uma “ideologia delgada” que “o populismo pode ser facilmente combinado com outras ideologias muito diferentes (delgadas ou amplas), incluindo o comunismo, o ecologismo, o nacionalismo ou o socialismo”<sup>63</sup>.

Chama atenção que Mudde tenha escrito sua proposição famosa no início do século XXI, período em que é possível perceber uma busca mais frequente de intelectuais ligados à Europa e aos Estados Unidos por tentar compreender o populismo pensando-o em uma perspectiva mais abrangente do que os estudos específicos de experiências latino-americanas. Àquela altura, Mudde via populismo em diferentes contextos políticos vigentes, desde os discursos da extrema direita francesa da Frente Nacional de Le Pen até partidos grandes de oposição que, segundo o cientista político holandês, “desafiaram o governo usando argumentos

---

<sup>63</sup> MUDDE, Cas. *The Populist Zeitgeist, Government and Opposition*, v. 39, n. 4, 2004, p. 544.



familiares ao populismo”<sup>64</sup>. Sua conclusão era de que, “ao menos desde o começo dos anos 1990, o populismo se tornou um aspecto regular da política nas democracias ocidentais. Embora o populismo ainda seja majoritariamente utilizado por 'outsiders' ou partidos que desafiam o poder, políticos *mainstream*, tanto no governo quanto na oposição, também o utilizam”.

Em 2017, quando o *Handbook* da Oxford dedicado ao populismo convidou o cientista político para defender as vantagens de sua abordagem quando comparada com outras que também são influentes para o estudo do tema em nosso tempo, Mudde defendeu quatro pontos: 1) ela teria a vantagem de estabelecer fronteiras – o que ele chamou de *distinguishability*, que significa basicamente que existe uma maneira de definir o que é e o que não é populismo; 2) ela seria capaz de oferecer uma taxinomia lógica, uma categorização, criando caminho para interpretações de tipos diferentes de populismo; 3) o método não enfraqueceria se precisasse estudar diferentes contextos, trazendo portanto um tipo de abrangência que a complexidade do século XXI demandava. Esse era um ponto-chave uma vez que a discussão sobre populismo saía do terreno do debate específico dos estudos da Rússia e dos Estados Unidos do século XIX, bem como dos movimentos populares latino-americanos do século XX, e chegava em outras partes do mundo, com outras formas e trajetórias; 4) ela trazia consigo a potencialidade da versatilidade, uma vez que aquele modelo de estudos poderia empreender análises dedicadas a variados atores políticos, sejam indivíduos, instituições ou movimentos de massa.<sup>65</sup>

Também em 2017, a Oxford convidou Cas Mudde e o cientista político chileno Cristóbal Rovira Kaltwasser para escreverem o volume dedicado ao Populismo da VSI (*Very Short Introduction*), uma prestigiada série de publicações da famosa universidade britânica que se propunha apresentar em linhas gerais assuntos relevantes dos mais variados temas das ciências. Nessa obra, a dupla se propôs a “clarificar” o termo e a oferecer uma interpretação específica de populismo. Segundo os autores, a ideia

<sup>64</sup> MUDDE, Cas. *The Populist Zeitgeist, Government and Opposition*, v. 39, n. 4, 2004, pp. 550-551.

<sup>65</sup> MUDDE, Cas. *Populism: An Ideational Approach*. In: ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

apresentada ia em oposição às duas noções mais comumente difundidas a respeito de populismo: a de que ele era um termo que servia apenas para desqualificar adversários políticos e a de que era um termo vago demais e de difícil definição. Em uma obra que tinha o propósito de ser introdutória, os dois fizeram um percurso do que poderia ser um “estado da arte” do populismo e apresentaram a proposta da abordagem ideacional, fundamentada na ideia de considerar o populismo uma “ideologia delgada” – de maneira geral, repetindo com um pouco mais de fôlego as ideias expostas no texto de Mudde de 2004.<sup>66</sup>

Embora seja uma referência no debate do populismo por causa de sua proposta teórica, é importante reconhecer que uma das principais forças de Cas Mudde não está necessariamente na profundidade analítica e no rigor conceitual da teoria proposta. Na verdade, um dos principais fatores que transformam os textos de Mudde em bons trabalhos a respeito da teoria política é a maneira como ele se dedica a estudar complexos processos sociais do tempo presente. Sua obra é inteiramente focada na experiência prática real e no movimento histórico, e nesse sentido, sua conceituação de populismo é apenas um dos elementos que o ajudam a desenvolver seu olhar a respeito do tema. Seus estudos sobre democracia, direita e esquerda no presente, suas análises de conjuntura eleitorais e de movimentos sociais e suas intervenções públicas tanto em periódicos quanto no meio acadêmico são certamente tão relevantes quanto a proposta analítica que ele desenvolveu.

Nesse sentido, ainda que suscetível a críticas e aos mais diversos refinamentos, sua proposta de populismo como uma “ideologia delgada” resiste como uma das mais relevantes para pensar a questão em nosso tempo. Isso se dá porque suas argumentações repousam em uma forte e dedicada pesquisa das relações sociais de poder estabelecidas em cada cenário onde ele cuida de intervir. Desse modo, é possível dizer que, mesmo mais de uma década depois de ser apresentada – e adicione a isso o turbilhão de acontecimentos que certamente alteraram a dinâmica política no mundo das mais variadas formas nos últimos anos –, a chamada

---

<sup>66</sup> MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal R. *Populism: A Very Short Introduction*. Oxford University Press, New York, 2017.

“abordagem ideacional” ainda resiste com relevância como uma influente maneira de pensar populismo no tempo presente.

### *O populismo como lógica discursiva*

Uma última perspectiva teórica sobre o tema vai definir o populismo como um discurso ou uma lógica discursiva. Esta perspectiva, como afirma Casullo, entende o populismo como uma lógica discursiva cujo resultado é a formação de identidades políticas mediante a dicotomização do espaço político.<sup>67</sup>

Para Panizza, o desenvolvimento desta perspectiva buscava superar o que seriam alguns dos problemas colocados por enfoques empíricos ou historicistas sobre o fenômeno populista. O enfoque empirista analisou casos de fenômenos populistas e teria tentado extrair as principais características estabelecendo um conjunto distintivo de propriedades que qualificariam o populismo. Um dos trabalhos pioneiros deste enfoque, na leitura de Panizza, seria o artigo de Peter Wiles (1969) no qual se descreviam 24 características diferentes do populismo sem estabelecer, no entanto, uma explicação precisa da relação entre elas. Outro conjunto de trabalhos buscou construir tipologias do populismo, mas essas tipologias não conseguiriam explicar os elementos comuns entre cada tipo.<sup>68</sup> A maioria dos trabalhos pressuporia um conjunto de elementos em comum de uma forma implícita e intuitiva, mas não conseguiria mostrar esses elementos de forma explícita e analítica.<sup>69</sup>

Um segundo enfoque, sustenta Panizza, analisava o populismo com relação a determinado período histórico, formação social e circunstâncias específicas. Essa interpretação historicista estaria representada pela literatura sobre os populismos latino-americanos que discutiu a emergência

---

<sup>67</sup> CASULLO, María Esperanza. *¿Porque funciona el populismo? El discurso que sabe construir explicaciones convincentes de un mundo en crisis*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2019. p. 45.

<sup>68</sup> PANIZZA, Francisco (comp.). *El populismo como espejo de la democracia*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009. p. 11.

<sup>69</sup> Um exemplo deste tipo de trabalhos seria o artigo de Peter Worsley (1969).

desse tipo de fenômenos depois da crise econômica de 1930 no continente.<sup>70</sup> Esse enfoque estudou a política populista como uma aliança de classes sob a condução de um líder carismático, e os principais exemplos históricos discutidos foram o de Perón na Argentina, Vargas no Brasil e Cárdenas no México. Para Panizza, tal enfoque teria uma interpretação limitada do populismo que não conseguiria explicar o fenômeno em razão de uma visão estreita do ponto de vista geográfico e temporal e, como consequência, excluiria experiências anteriores e posteriores na América Latina e em outros lugares do mundo.<sup>71</sup>

Diferentemente dos enfoques mencionados, uma leitura “sintomática” do populismo buscava incorporar algumas das características dessas interpretações, mas sua inclusão seria realizada em função do “núcleo analítico do conceito”, isto é, a partir da constituição do povo como um ator político. Como consequência, para Panizza, esse enfoque entenderia o populismo como “um discurso *antistatus quo* que simplifica o espaço político mediante a divisão simbólica da sociedade entre ‘o povo’ (como os ‘de baixo’) e seu outro”. Essa seria a definição proposta por Ernesto Laclau no artigo “Toward a Theory of Populism” publicado em 1977 como parte do livro *Politics and ideology in Marxist Theory*.<sup>72</sup>

O objetivo do livro de Laclau era chamar a atenção para os limites do reducionismo de classe e a impossibilidade de entender as variedades históricas das ideologias burguesas (como o fascismo ou o populismo) com base nesse reducionismo.<sup>73</sup> Nesse sentido, para o autor, seria possível resolver o “enigma do populismo” se se provasse que os elementos estritamente populistas “não residem no movimento como tal nem em seu discurso ideológico característico – que sempre tem um pertencimento

<sup>70</sup> Este enfoque foi discutido na primeira parte do artigo a partir da análise das obras de Gino Germani e Torcuato Di Tella.

<sup>71</sup> PANIZZA, Francisco (comp.). *El populismo como espejo de la democracia*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009. p. 12.

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>73</sup> LACLAU, Ernesto. Toward a Theory of Populism. In: LACLAU, Ernesto. *Politics and Ideology in Marxist Theory*. Londres: NLB, 1977. p. 11.

de classe –, mas numa contradição, que não é de classe, articulada no interior desse discurso”<sup>74</sup>.

A tese de Laclau é que “o populismo consiste na apresentação de interpelações democrático-populares como um complexo sintético-antagónico no que diz respeito à ideologia dominante”<sup>75</sup>. Para o autor, a articulação de ideologias populares ou democrático-populares no interior do discurso dominante mediante a absorção de elementos de particularidade diferencial tem como objetivo reprimir a possibilidade de transformar as particularidades em símbolos de antagonismo. O discurso populista surge quando os elementos democrático-populares são apresentados como “uma opção antagonista contra a ideologia do bloco dominante”<sup>76</sup>.

A vertente discursiva da literatura sobre o populismo estabelecida pelo trabalho de Laclau de 1977 foi aprofundada em trabalhos posteriores, em particular na sua obra de 2005, *A razão populista*<sup>77</sup>. Para Aslanidis, apesar de algumas limitações teóricas que dificultaram a sua expansão além dos círculos pós-estruturalistas, a contribuição de Laclau não tem sido suficientemente valorizada até agora. Essa perspectiva teórica teria enfatizado a necessidade de uma análise dos padrões discursivos onipresentes das experiências populistas deixando de lado as particularidades, que muitos estudiosos enfatizaram como características essenciais. Na interpretação de Laclau, um movimento não seria populista porque na sua política ou ideologia existiriam elementos concretos identificáveis como populistas, mas porque haveria uma lógica particular de articulação de seus conteúdos. Tal deslocamento da conceituação dos conteúdos para a forma seria a contribuição mais importante de Laclau. Esses componentes formais do discurso populista explicariam a afinidade existente entre diversos fenômenos denominados populistas, ainda que

<sup>74</sup> LACLAU, Ernesto. Toward a Theory of Populism. In: LACLAU, Ernesto. *Politics and Ideology in Marxist Theory*. Londres: NLB, 1977, p. 164.

<sup>75</sup> *Ibidem*, pp. 173-4.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 174.

<sup>77</sup> Ver também LACLAU, Ernesto. Populismo: ¿que nos dice el nombre? in PANIZZA, Francisco (comp.). *El populismo como espejo de la democracia*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

existisse uma enorme diversidade dos pontos de vista de seus conteúdos concretos.<sup>78</sup>

No Prefácio de *A razão populista*, afirma Laclau “Este livro se interroga centralmente sobre a lógica de formação das identidades coletivas” e critica o que chama de perspectivas sociológicas que consideram o “grupo como a unidade básica da análise social”. Para o autor, seria possível desagregar o grupo em unidades menores denominadas “demandas” e os grupos seriam resultado da articulação dessas demandas.<sup>79</sup>

Para Laclau, o populismo tem sido, em geral, caracterizado como um perigo que questionaria os fundamentos de uma comunidade racional. O objetivo do livro buscava esclarecer as lógicas específicas do fenômeno populista e sustentar que essas lógicas faziam parte do funcionamento de todo espaço comunitário.<sup>80</sup>

Laclau sustenta que a sua tentativa

não tem sido encontrar o *verdadeiro* referente do populismo, mas fazer o contrário: mostrar que o populismo não tem nenhuma unidade referencial porque não está vinculado a um fenômeno delimitável, mas a uma lógica social cujos efeitos atravessam uma variedade de fenômenos. O populismo é, simplesmente, um modo de construir o político.<sup>81</sup>

Para Laclau, o sujeito central na lógica populista é o povo. O povo como sujeito político se constituiria a partir de uma pluralidade de demandas sociais, muitas delas diversas e contraditórias; diferenciando entre “demandas democráticas” e “demandas populares”. As demandas democráticas são, para o autor, aquelas que permanecem isoladas, tanto se são satisfeitas quanto se permanecem insatisfeitas; já as demandas populares são aquelas que por sua articulação podem constituir uma subjetividade mais ampla capaz de se transformar em um ator histórico.

<sup>78</sup> ASLANIDIS, Paris. Is Populism an Ideology? A Refutation and a New Perspective, *Political Studies*, 64, 2015, pp. 10-11.

<sup>79</sup> LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005. p. 9.

<sup>80</sup> *Ibidem*. p. 10.

<sup>81</sup> *Ibidem*, p. 11, *ênfase no original*.

Dessa forma, como afirma Laclau, temos as precondições para a emergência de uma configuração populista: “(1) a formação de uma fronteira interna antagônica separando o ‘povo’ do poder; 2) uma articulação equivalencial de demandas que torna possível o surgimento do ‘povo’”<sup>82</sup>.

O povo, nessa lógica discursiva populista, será concebido no seguinte sentido: a *plebs*, entendida como os menos privilegiados, reclama ser o único *populus* legítimo, entendido como o conjunto dos cidadãos; uma parcialidade que reclama a legitimidade da totalidade da comunidade.<sup>83</sup>

Como afirma Laclau:

Todo nosso enfoque sobre o populismo, como temos visto, gira em torno das seguintes teses: (1) o surgimento do povo requer a passagem – via equivalencial – de demandas isoladas, heterogêneas, a uma demanda “global” que implica a formação de fronteiras políticas e a construção discursiva do poder como força antagônica; (2) no entanto, como essa passagem não é resultado de uma mera análise de demandas heterogêneas como tais – não é uma transição lógica, dialética ou semiótica de um nível a outro –, deve intervir algo qualitativamente novo.<sup>84</sup>

Esse algo qualitativamente novo, que o autor chama de “investidura radical”, pertence à ordem do afeto. Para Laclau não haveria populismo sem um investimento efetivo em um objeto parcial. O populismo surge quando uma ordem institucional é incapaz de satisfazer um conjunto de demandas e aparece a necessidade de construir o povo, de forma que objetivos, figuras e símbolos “são investidos de tal maneira que se convertem nos nomes de uma ausência”<sup>85</sup>.

Essa análise do populismo como lógica discursiva, formulada por Laclau, tem sido utilizada por diversos autores na discussão de alguns fenômenos políticos contemporâneos. Dois exemplos são as análises sobre o surgimento de *Syriza* na Grécia e da organização *Podemos* na Espanha.

---

<sup>82</sup> LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005, p.11.

<sup>83</sup> *Ibidem*, p.108.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p.142.

<sup>85</sup> *Ibidem*, pp. 142-9.

Yannis Stavrakakis<sup>86</sup> e Giorgios Katsambekis, por exemplo, vão analisar o caso de Syriza como um populismo de esquerda na Europa periférica. No artigo, os autores vão examinar duas hipóteses. A primeira de que Syriza seria uma força política populista. A partir de uma análise do discurso dessa formação, Stavrakakis e Katsambekis vão concordar que é possível aceitar essa afirmação da literatura sobre o populismo de Syriza. Uma segunda hipótese associará Syriza com movimentos políticos de extrema direita na Europa. Para analisar esse segundo ponto os autores vão retomar a teoria discursiva de Laclau sobre o populismo e ver a articulação em torno de um ponto nodal, que seria o povo, e a dicotomização do campo político em dois blocos antagônicos. Desse ponto de vista, seria possível para os autores concluir que a retórica do Syriza, caracterizada como democrática, inclusiva e emancipatória, estaria bem distante de posições políticas das forças de extrema direita que teriam como característica a pureza racial e étnica, um viés antidemocrático e um caráter autoritário. Como consequência, seria necessário fazer uma revisão conceitual da utilização do termo populismo, já que na avaliação dos autores essa não seria a melhor forma de caracterizar movimentos políticos que defendam o nacionalismo, o racismo e o fascismo.<sup>87</sup>

Para Alexandros Kioupkiolis, *Podemos* na Espanha, junto com *Syriza* na Grécia, representam uma nova onda de populismos de esquerda que emergiu na no sul da Europa atingida pela crise econômica e social. Ambas as forças políticas, continua o autor, enunciam deliberadamente um discurso populista e “perseguem uma estratégia política populista entendida nos termos usados por Ernesto Laclau”. Para o autor, o discurso desse partido espanhol se baseia na divisão antagônica que caracteriza o populismo nessa perspectiva formal-estrutural, um antagonismo entre uma maioria social e uma minoria privilegiada. Essa maioria social seria designada no discurso do *Podemos* de várias maneiras: “o povo”, “a maioria social”, “a cidadania”, que sofreria as consequências da crise econômica e social e ao opor à

<sup>86</sup> Yannis Stavrakakis é coordenador de um projeto de pesquisa coletivo com sede na Universidade Aristóteles de Tessalônica cujo objetivo é discutir a relação entre discurso populista e democracia. Ver *Populismus* (<<http://www.populismus.gr/>>).

<sup>87</sup> STAVRAKAKIS, Yannis e KATSAMBEKIS, Giorgios. Left-wing populism in the European periphery: the case of SYRIZA. *Journal of Political Ideologies*, v. 19, n. 2, pp. 137-8.



“casta” uma minoria que governasse em benefício próprio. A pluralidade de demandas sociais, continua Kioupkiolis, como educação, saúde, emprego, moradia e o fim da austeridade se tornariam “equivalentes e seriam reunidas em uma cadeia de equivalências em torno do ‘significante vazio’ ‘democracia’ (para construir a democracia) e a figura carismática de Pablo Iglesias”. Também estaria presente um outro componente da configuração populista: buscaria construir uma nova vontade nacional e popular que recuperasse a política para a maioria despossuída como forma de resgatar as instituições na busca do bem comum.<sup>88</sup>

## Considerações finais

Como deve acontecer com todo conceito “essencialmente contestado”, o debate a respeito de “populismo” não se encerra após tomarmos contato com o percurso histórico que o transformou em uma palavra política tão complexa. Pelo contrário, atravessar a “saga do populismo” nos permite reconhecer e refinar nossas percepções a respeito desta temática que é complexa, que se apresenta cercada por interesses e incompreensões e que permanece fundamental e relevante para a compreensão política de nosso tempo.

Os primeiros trabalhos teóricos, mencionados na primeira parte do artigo, tentaram definir basicamente o populismo como um movimento, uma ideologia ou um fenômeno político, construindo inclusive tipologias para tentar explicar as diferentes formas nas quais se expressava empiricamente. Esses trabalhos, ainda que marcados pelo momento histórico em que foram elaborados, parecem ter bastante riqueza para ser explorada tanto em uma perspectiva que recupere suas propostas teóricas e metodológicas quanto sendo parte da história conceitual do populismo.

---

<sup>88</sup> KIOPKIOLIS, Alexandros. Podemos: the Ambiguous Promises of Left-wing Populism in Contemporary Spain, *Journal of Political Ideologies*, v. 21, n. 2, 2016, pp. 1-5. Neste sentido ver também, IGLESIAS TURRIÓN, Pablo. Entender Podemos, *New Left Review* (versão em espanhol), n. 93, 2015; e ERREJÓN, Iñigo e MOUFFE, Chantal. *Construir pueblo. Hegemonía y radicalización de la democracia*. Madrid: Icaria Editorial, 2015. Para uma crítica destas interpretações ver AMADEO, 2021.

As abordagens mais recentes parecem ter chegado a um consenso mínimo de que o populismo seria um fenômeno propriamente político e diferente de um conjunto de práticas políticas de esquerda ou direita<sup>89</sup>. No entanto, o consenso parece terminar aí. Na segunda parte do artigo analisamos aquelas que em nossa avaliação são as abordagens contemporâneas mais influentes a respeito do assunto: a que considera o populismo uma estratégia de poder pessoal, a perspectiva do populismo como uma “ideologia delgada”, e a visão deste como discurso ou lógica discursiva.

Como colocam Rovira Kaltwasser et al. algumas questões aparecem como importantes para futuros trabalhos de pesquisa sobre o populismo. Em primeiro lugar, as novas investigações devem levar em conta a enorme literatura existente sobre o tema, mas isso implica recuperar a discussão contemporânea e também os trabalhos originais sobre o populismo. Por outra parte, parece fundamental avançar ainda na construção de uma conceitualização mais precisa do fenômeno. Por momentos, o campo semântico parece abarcar outros fenômenos além do populismo que precisam ser mais bem delimitados. Por último, aparentemente parece existir uma tensão inerente entre populismo e democracia que precisa ser mais bem explorada. As pesquisas parecem avançar para pensar uma relação entre ambos que seja menos maniqueísta e captar de forma mais adequada a complexidade da relação entre ambos. Isso implica não só avançar com uma definição mais clara de populismo, mas também problematizar nosso entendimento da democracia no atual momento histórico<sup>90</sup>.

---

<sup>89</sup> CASULLO, María Esperanza. *¿Porqué funciona el populismo? El discurso que sabe construir explicaciones convincentes de un mundo en crisis*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2019, pp. 44-45.

<sup>90</sup> ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. Populism: An Overview of the Concept and the State of the Art. In: ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 17-8.

## Bibliografia

AMADEO, Javier. Populismo, representación y democracia: el caso de la organización política española Podemos, *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, año LXVII, n. 243, pp. 241-264, septiembre-diciembre de 2021.

ASLANIDIS, Paris. Is Populism an Ideology? A Refutation and a New Perspective. *Political Studies*, v. 64, 2015.

BETZ, Hans-George. The New Politics of Resentment: Radical Right-Wing Populist Parties in Western Europe, *Comparative Politics*, v. 25, n. 3, pp. 413-27, 1993.

CANOVAN, Margaret. *Populism*, Londres/ Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1981.

CANOVAN, Margaret. *The People*. Londres: Polity, 2005.

CASULLO, María Esperanza. *¿Porqué funciona el populismo? El discurso que sabe construir explicaciones convincentes de un mundo en crisis*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2019.

DE LA TORRE, Carlos. Populism and Democracy. Political Discourses and Cultures in Contemporary Ecuador, *Latin American Perspectives*, v. 24, n. 3, 1997.

DI TELLA, Torcuato S. Populismo y reforma en América Latina, *Desarrollo Económico*, v. 4, n. 16, pp. 1-38, 1965.

ERREJÓN, Iñigo e MOUFFE, Chantal. *Construir pueblo. Hegemonía y radicalización de la democracia*. Madrid: Icaria Editorial, 2015.

GERMANI, Gino. Clases populares y democracia representativa en América Latina, *Desarrollo Económico* v. 2, n. 2, pp. 1-23, jul.-sep. de 1962.

GOODWYN, Lawrence. *Democratic Promise: The Populist Moment in America*. New York: Oxford University Press, 1976.

HOFTADTER, Richard. *The Age of Reform: From Bryan to FDR*. New York: Vintage, 1955.

HOUWEN, Tim. *Reclaiming Power for the People: Populism in Democracy*. Nijmegen: Radboud University, 2013.

IGLESIAS TURRIÓN, Pablo. Entender Podemos, *New Left Review* (versión en español), n. 93, pp. 9-32, 2015.

IGNAZI, Piero. The Silent Counter-Revolution: Hypotheses on the Emergence of Extreme Right-Wing Parties in Europe, *European Journal of Political Research* 22/1, pp. 3-34, July 1992.

IONESCU, Ghita; GELLNER, Ernst (Eds.). *Populism: Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969.

KIOPKIOLIS, Alexandros. Podemos: the Ambiguous Promises of Left-wing Populism in Contemporary Spain, *Journal of Political Ideologies*, v. 21, n. 2, 2016.

LACLAU Ernesto e MOUFFE, Chantal. *Hegemonía y estrategia socialista. Hacia una radicalización de la democracia*. Madrid: Siglo XXI, 1987.

LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

LACLAU, Ernesto. Populismo: ¿qué nos dice el nombre? In: PANIZZA, Francisco (comp.). *El populismo como espejo de la democracia*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

LACLAU, Ernesto. Toward a Theory of Populism. In: LACLAU, Ernesto. *Politics and Ideology in Marxist Theory*. Londres: NLB, 1977.

MUDDE, Cas. The Populist *Zeitgeist*, *Government and Opposition*, v. 39, n. 4, pp. 542-563, 2004.

MUDDE, Cas. *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MUDDE, Cas. Populism: An Ideational Approach. In: ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal R. *Populism: A very short introduction*. Oxford University Press, New York, 2017.

OSTIGUY, Pierre. A Socio-Cultural Approach. In: ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

PANIZZA, Francisco (Comp.). *El populismo como espejo de la democracia*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

ROBERTS, Kenneth. Neoliberalism and the transformation of populism in Latin America: the Peruvian case, *World Politics*, v. 48, n. 1, pp. 82-116, 1995.

ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. Populism: An Overview of the Concept and the State of the Art. In: ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

RUEDA, D. Is Populism a Political Strategy? A Critique of an Enduring Approach, *Political Studies*, v. 69, n. 2, pp. 167-184, 2021.

SAUL, J. Africa. In: IONESCU, Ghita; GELLNER, Ernst (Eds.). *Populism: Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969.

STAVRAKAKIS, Yannis; KATSAMBEKIS, Giorgios. Left-wing populism in the European periphery: the case of SYRIZA, *Journal of Political Ideologies*, v. 19, n. 2, pp. 119-142, 2014.

TAGGART, Paul. New populist parties in Western Europe, *West European Politics*, v. 18, n. 1, pp. 34-51, 1995.

URBINATI, Nadia. Political Theory of Populism, *Annual Review of Political Science*, v. 22, n. 1, pp. 111-127, 2019.

VENTURI, Franco. *Roots of Revolution: A History of the Populist and Socialist Movements in Nineteenth Century Russia*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1960.

WEYLAND, Kurt. Neopopulism and neoliberalism in Latin America: unexpected affinities, *Studies in Comparative International Development*, v. 31, n. 3, pp. 3-31, 1996.

WEYLAND, Kurt. Clarifying a contested concept: populism in the study of Latin American politics, *Comparative Politics*, v. 34, n. 1, pp. 1-22, 2001.

WEYLAND, Kurt. A Political-Strategic Approach. In: ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, pp. 17-31, 2017.

WEYLAND, Kurt. Populism as a Political Strategy: An Approach's Enduring – and Increasing – Advantages. *Political Studies*, v. 69, n. 2, 2021, pp. 185-189.

WILES, Peter. A Syndrome, Not a Doctrine. In: IONESCU, Ghita; GELLNER, Ernst (Eds.). *Populism: Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969.

WORSLEY, Peter. The Concept of Populism. In: IONESCU, Ghita; GELLNER, Ernst (Eds.). *Populism: Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969.